PROC. Nº 4189/07
PLL Nº 121/07

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

São Cristóvão, antes do batismo, chamava-se Réprobo. Personagem de muitas lendas, viveu, entretanto, coerentemente com o significado do nome que adotou ao ser batizado, Cristóvão, ou seja, "aquele que carrega Cristo".

Nascido na Palestina, Cristóvão cresceu no meio pagão e, devido a sua avantajada altura e enorme força, entregou-se ao serviço militar. Fazia, porém, uma exigência: somente serviria ao soberano mais poderoso. Nas suas buscas por esse mais poderoso, serviu a muitos senhores, até que encontrou e passou a servir a um rei que todos consideravam o maior. Conta a lenda que, certa feita, um menestrel cantou perante aquele rei uma canção, na qual citava constantemente o demônio. O rei, que era um homem cristão, ao ouvi-lo mencionar o demônio, traçava o sinal da cruz em sua fronte. Quando Cristóvão viu isso, perguntou ao rei que sinal era aquele e qual a sua finalidade. O rei respondeu-lhe, então: "Sempre que ouço mencionarem o demônio, temo que ele possa ter poder sobre mim e me previno contra ele com este sinal, a fim de que não me faça mal e não me perturbe". Cristóvão replicou: "Temeis que o demônio vos possa fazer mal? Então, o demônio é mais poderoso e maior do que vós. Fui enganado em minha esperança e em meu plano, pois supunha ter encontrado o maior e o mais poderoso senhor do mundo."

Em seguida, apressou-se a ir em busca do demônio, pois via agora que este era o maior dos senhores. Ao passar por um grande deserto, avistou um séqüito de cavaleiros, no meio dos quais se destacava um, de aparência cruel e horrível, que se aproximou dele e lhe perguntou qual era o seu destino. Cristóvão respondeu: "Estou à procura do demônio, para que seja o meu senhor". Ao que ele lhe respondeu: "Eu sou quem procuras". Cristóvão ficou contente e pediu-lhe para ser seu servo perpétuo, fazendo dele seu mestre e senhor. Mais tarde, seguiam os dois juntos, pelo mesmo caminho, quando encontraram nele uma cruz erguida. O demônio, ao avistar a cruz, logo ficou apavorado e fugiu, deixando o caminho normal e, fazendo um grande desvio, fez Cristóvão passar por um deserto árido. Mais tarde, quando já haviam contornado a cruz, reconduziu-o ao caminho principal que haviam deixado. Quando Cristóvão perguntou-lhe porque hesitara e abandonara o caminho principal e limpo e entrara num deserto assim tão árido, o demônio lhe disse: "Havia um homem chamado Cristo que foi suspenso numa cruz, e, quando vejo o seu sinal, fico apavorado e fujo dele, onde quer que o veja". Cristóvão retrucou: "Então, ele é maior e mais poderoso que tu, já que tens medo do seu sinal. E eu, agora, por não ter encontrado o maior senhor do mundo,

compreendo bem que trabalhei em vão. Não mais servirei a ti e vou à procura de Cristo".

Após ter, durante muito tempo, procurado e perguntado onde poderia encontrar Cristo, finalmente, chegou a um grande deserto, até onde habitava um eremita. E este lhe falou de Jesus Cristo e o instruiu diligentemente na fé e lhe disse: "Este Rei a quem desejas servir pede o serviço de jejuares muitas vezes". Cristóvão respondeu: "Pede de mim qualquer outra coisa, que eu a farei, pois o que me pedes eu não farei". E o eremita lhe disse: "Então, deves vigiar e orar constantemente". Cristóvão não gostou da idéia: "Não sei o que isto seja. Não farei tal coisa". Então o eremita lhe disse: "Conheces aquele rio assim e assim, onde muitos pereceram e se perderam? "Sim", respondeu Cristóvão, "Conheço-o muito bem". Então o eremita lhe disse: "Como és de estatura nobre, elevada e forte em teus membros, deves morar perto daquele rio. Transportarás pelo mesmo todos quantos por ele precisarem passar, o que será algo muito agradável a Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem desejas servir. Se procederes assim, eu espero que Ele se mostrará a ti". Cristóvão aceitou, dizendo: "Sem dúvida, este serviço eu posso muito bem executar e prometo a Ele que o farei". Em seguida, Cristóvão foi até o tal rio e lá construiu uma morada para si. Carregava sempre nas mãos uma grande vara, à guisa de bastão, para se apoiar dentro da água, e assim transportava toda sorte de pessoas, sem parar. E lá habitou, executando esse trabalho, durante muito tempo.

Certa vez, quando dormia em sua choupana, ouviu uma voz de criança que o chamava e dizia: "Cristóvão, sai de tua choupana e vem carregar-me até a outra margem". E ele levantou-se e saiu, mas não viu ninguém. Voltando para dentro da casa, ouviu a mesma voz, correu para fora e não avistou ninguém. Pela terceira vez, foi ele chamado e, ao sair, viu então uma criança à beira do rio, que lhe pediu por favor que o transportasse para a outra margem. Cristóvão pôs, então, aquela criança aos ombros, apanhou o bastão e entrou no rio para atravessá-lo. A água do rio começou a subir e aumentava cada vez mais. A criança pesava como chumbo e, a cada passo que dava rumo ao meio do rio, a água aumentava e crescia cada vez mais. A criança tornava-se mais pesada ainda, a tal ponto que Cristóvão ficou muito angustiado e temia vir a afogar-se. Por fim, conseguiu escapar daquela situação, com grande esforço, fez a travessia e colocou a criança no chão, dizendo-lhe: "Menino, puseste-me num grande perigo. Pesas tanto como se tivesse o mundo sobre os meus ombros. Eu não poderia carregar um peso maior". O menino respondeu, sorrindo: "Cristóvão, não te espantes, pois não só carregaste o mundo inteiro em teus ombros, como também carregaste Aquele que criou e fez o mundo inteiro. Eu sou Jesus Cristo, o Rei, a quem serves neste mundo. Para que saibas que digo a verdade, põe teu bastão no chão, junto à tua casa, e amanhã verás que ele

estará coberto de flores e de frutos". A seguir, desapareceu repentinamente de sua vista. Cristóvão, então, colocou o bastão na terra, conforme lhe ordenara o menino. E, quando levantou de manhã, encontrou-o parecido com uma palmeira, carregado de flores, folhas e tâmaras.

Mais tarde, Cristóvão viajou até a cidade de Lícia, onde não conseguia entender a linguagem de seus habitantes. Então, orou ao Senhor, para que fizesse com que pudesse entendê-los. Ao vê-lo rezando, os juízes pensavam que estivesse louco e o deixaram sozinho. Quando Cristóvão pôde entender o que diziam, cobriu o semblante e foi até o lugar onde costumavam martirizar os cristãos, aos quais confortou em nome do Senhor. Ao verem isso, os juízes bateram-lhe na face, ao que Cristóvão reagiu, dizendo: "Se eu não fosse cristão, vingaria esta ofensa". Após isso, arremessou o seu bastão ao chão e pediu ao Senhor que, para converter aquelas pessoas, ele devia se cobrir de flores e de frutos, o que imediatamente aconteceu, convertendo oito mil pessoas. O rei enviou dois cavaleiros para que o trouxessem, os quais o encontraram orando e desistiram de seu intento. Logo em seguida, o rei mandou muitos outros cavaleiros e, ao o encontrarem orando, logo se puseram a rezar com ele. Então, ele os converteu à Fé e ordenou-lhes que deviam atar-lhe as mãos às costas e conduzi-lo, assim amarrado, à presença do rei, que lhe perguntou pelo seu nome e pela sua pátria. Cristóvão respondeu: "Antes de ser batizado, eu me chamava Réprobo, mas agora sou Cristóvão; antes do batismo, era um cananeu; agora sou um cristão". Ao que disse o rei: "Tens um nome tolo, isto é, o nome de Cristo crucificado, que não conseguiu livrar-se e não pode ser-te útil. Como, pois, maldizes os cananeus? Por que não fazes sacrifícios aos nossos deuses?" Cristóvão respondeu-lhe: "Com razão te chamas Dagnus, pois és a morte do mundo e o companheiro do demônio, e os teus deuses são obras de mãos humanas". E o rei lhe disse: "Foste alimentado entre animais selvagens e por isso só podes falar uma linguagem rude e palavras desconhecidas dos homens. E agora, se quiseres sacrificar aos deuses, dar-te-ei grandes presentes e grandes honrarias. Se não quiseres, destruir-te-ei e acabarei contigo, no meio de grandes sofrimentos e torturas". Cristóvão não aceitou e, por isso, foi mandado para a prisão, tendo o rei, além disso, mandado decapitar os cavaleiros aos havia mandado buscá-lo, a quem ele convertera.

A seguir o rei ordenou que fosse torturado com varas de ferro e colocada em sua cabeça uma cruz de ferro em brasa. Após mandar fazer um recipiente de ferro e pôr Cristóvão amarrado dentro dele, ordenou que colocassem fogo porbaixo e o enchessem de piche. Mas o recipiente se derreteu como cera, e Cristóvão saiu sem qualquer ferimento ou queimadura. Ao ver isso, o rei ordenou que fosse amarrado a um poste resistente e fosse crivado de flechas por quarenta arqueiros. Contudo, nenhum daqueles arqueiros conseguiu acertá-lo, pois as

flechas se desviavam, próximas a ele, sem tocá-lo. O rei, imaginando que tivesse sido atravessado pelas flechas dos arqueiros, dirigiu-se até ele para ficar bem perto. Uma das flechas, mudando repentinamente de direção, atingiu-o num dos olhos e o deixou cego. Cristóvão disse-lhe: "Tirano, vou morrer amanhã. Fazei um pouco de lama misturada ao meu sangue e ungi com ela vosso olho e sereis curado". Em seguida, à ordem do rei, foi levado para que lhe cortassem a cabeça. Fez a sua oração e a cabeça lhe foi decepada. E assim sofreu o martírio. O rei então pegou um pouco do seu sangue e o colocou na vista, dizendo: "Em nome de Deus e de Cristóvão". Imediatamente ficou curado. A partir daí, o rei acreditou em Deus e deu ordens para que, se qualquer pessoa se manifestasse contra Deus ou S. Cristóvão, deveria ser imediatamente morto à espada.

Esta é, com algumas alterações, a história de São Cristóvão, extraída da Legenda Áurea, na forma como foi traduzida para o inglês por William Caxton. Uma história conhecida em toda a cristandade, tanto no Oriente como no Ocidente. Dela surgiu a crença popular de que todo aquele que contemplasse uma imagem do santo, naquele dia, não sofreria mal algum, crença essa que foi responsável pela colocação de grandes estátuas e afrescos, que o representavam na parte oposta à entrada das igrejas, de forma que todos os que entrassem pudessem vê-la. Ele era o santo padroeiro dos viajantes, sendo invocado contra os perigos representados pelas águas, tempestades e pragas. E, em épocas mais recentes, encontrou uma popularidade renovada como padroeiro dos motoristas.

O Martirológio Romano registra que São Cristóvão, santo católico, sofreu o martírio na Lícia, sob o Imperador Décio, morto por flechas e decapitado, após sair ileso das chamas.

Obviamente, a realidade foi enfeitada pela vitalidade da fantasia medieval. A par da lenda, há muitos registros históricos interessantes em conexão com São Cristóvão, muitos deles amplamente discutidos pelo Dr. R. Hindringer, no Lexikon fur Theologie und Kirche, vol. II, cols. 934-936, e por H.F. Rosenfeld, der ht. Christophorus (1937). Apesar de alguns folcloristas, por exemplo, H. Gunther, se preocuparem em descobrir supostas origens pagãs para as práticas de devoção a ele, na Idade Média, São Cristóvão de fato existiu e o culto a ele estava bastante difundido no Oriente e no Ocidente. Uma igreja na Bitínia lhe foi dedicada em 452. A lenda primitiva fala da procura de um mestre por parte de S. Cristóvão ou sobre o seu trabalho de transportar os viajantes através dos rios, porém, sua estatura gigante e seu aspecto assustador são amplamente descritos, bem como o seu bastão que cresceu e floresceu, quando atirado ao chão. O incidente com Aquilina e sua companheira é, também, colocado em evidência, do mesmo modo que a série absurda de tentativas infrutíferas para levar o mártir à morte. Os textos latino e grego da lenda primitiva, em diversas revisões, foram

publicados em Acta Sanotorun, julho, vol. VI; em Analecta Bollandiana, vol. I, p. 131-148, e X, p. 393-405; e em Acta S. Marinae et S. Christophori de H. Usener. Existe também um texto sírio entre os manuscritos do Museu Britânico (Adic. 12, 174). Para S. Cristóvão na arte, vejam-se Kunstle, Ikonographie, vol. II, p. 154-160, e Drake, Saints and their Emblens; e do ponto de vista do folclore, Bachtold-Staubli, Handworterbuch dês deutschen Aberglaubens, vol. II, p. 65-75.

Esse texto foi baseado no artigo sobre "São Cristóvão", disponível no site <http://pt.wikipedia.org >.

Reconhecido como mártir no ano 250, é celebrado no dia 25 de julho e muito solicitado em viagens, por ser patrono dos viajantes e dos motoristas, sendo muito amado em toda a Igreja, tanto no Ocidente como no Oriente.

É reconhecido, também, como o padroeiro dos atletas, embora ainda seja pouco conhecido como tal. É de se esperar que, com a grande difusão que os esportes vêm recebendo, logo passe a ser assim venerado.

Em Porto Alegre, há várias centenas de milhares de motoristas, entre amadores e profissionais (caminhoneiros, taxistas e outros), que são, na maioria, para não dizer todos, devotos de São Cristóvão. É muito comum, inclusive, ver-se a imagem do Santo presente nos veículos, com mensagens de familiares pedindo sua proteção ao motorista. Coisa que, aliás, acontece em todo o País, como de resto em boa parte do mundo ocidental.

A Arquidiocese de Porto Alegre conta, inclusive, com uma paróquia, no bairro Rubem Berta, que tem São Cristóvão como padroeiro. Está localizada na Rua Osmindo Pedro Kuhn, 439, no Parque Santa Fé.

Essa comunidade, liderada por seu pároco e orientada pelo conselho paroquial, anualmente realiza a Festa e a Procissão de São Cristóvão, sempre com muita participação e devoção, não só da comunidade, mas também de muitos motoristas e devotos de outras regiões da Capital.

Já tradicionais, a Festa e a Procissão de São Cristóvão adquiriram, assim, ao longo dos anos, uma expressão que transcende os limites paroquiais, para torná-las municipais e dignas, portanto, de maior atenção.

Daí nossa Proposição de incluí-las no Calendário Oficial de Eventos do Município de Porto Alegre, o que permitirá que outras comunidades, inclusive de fora da Capital, tomem conhecimento da sua realização e possam dela participar.

Sala das Sessões, 26 de junho de 2007.

PROC. Nº 4189/07
PLL Nº 121/07

VER. JOÃO CARLOS NEDEL VER.ª MARIA CELESTE
/UM

PROJETO DE LEI

Inclui no Calendário Oficial de Eventos do Município de Porto Alegre a Festa e a Procissão de São Cristóvão, a ocorrerem anualmente, no domingo mais próximo ao dia 25 de julho.

Art. 1º Ficam incluídas no Calendário Oficial de Eventos do Município de Porto Alegre a Festa e a Procissão de São Cristóvão.

Parágrafo único. A Festa e a Procissão de São Cristóvão ocorrerão anualmente, no domingo mais próximo ao dia 25 de julho.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.